

X Reunião  
Escultura  
Romana  
na Hispânia

X Reunión  
Escultura  
Romana  
en Hispania

X Meeting  
of Roman  
Sculpture  
in Hispania

X  
Escultura  
*Roman*  
Romana *en*  
*Sculpture*  
na Hispânia  
*in Hispania*

2022

Portugal

Faro e Mértola

Algarve e Alentejo

27, 28 (Faro), 29 (Mértola)

Outubro / Octubre / October



## FICHA TÉCNICA

TÍTULO: Escultura Romana na Hispânia

*Escultura Romana en Hispania*

SUBTÍTULO: Atas do X Encontro Internacional de Escultura Romana na Hispânia,  
realizado em Faro e Mértola de 27 a 29 de outubro de 2022

*Actas de la X Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania,  
celebrada en Faro y Mertola los días 27 al 29 de octubre de 2022*

EDITORES: João Pedro Bernardes, Trinidad Nogales-Basarrate, Luís Jorge Gonçalves,  
Virgílio Lopes e Marco Lopes

EDIÇÃO: Universidade do Algarve – CEAACP

CONCEPÇÃO GRÁFICA – PAGINAÇÃO | ARTE-FINAL: Raquel Gil Ferreira

CAPA: Jorge dos Reis

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: Cláudia Matos

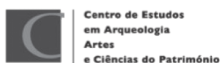
IMPRESSÃO E ACABAMENTOS: LouresGráfica

DEPÓSITO LEGAL: 537062 / 24

ISBN: 978-989-9127-89-0

DOI: <https://doi.org/10.34623/b48f-2k76>

Os textos e o seu conteúdo são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.



Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia, IP, no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património [UIDB/00281/2020 – DOI: 10.54499/UIDB/00281/2020].

FARO / LISBOA, OUTUBRO DE 2024

**Escultura Romana do Museu Nacional  
de Arqueologia: Documentar Coleções  
a propósito das novas propostas  
expositivas**

**António Carvalho**

Diretor do Museu Nacional de Arqueologia (*Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.*) e UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

**João Pimenta**

Técnico-Superior do Museu Nacional de Arqueologia (*Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.*) e UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

**Maria Filomena Barata**

Técnica-Superior do Museu Nacional do Traje (*Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.*) e Investigadora do Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (CIDEHUS) da Universidade de Évora.

**Raquel Lázaro**

Técnica-Superior do Museu Nacional de Arqueologia (*Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E.*) e Instituto de Estudos Medievais (IEM) da NOVA/FCSH.

**“Cabeça evanescente resistiu:  
Nem deusa, nem mulher, apenas ciência  
De que nada nos livra de nós mesmos.”**

Excerto do poema “A cabecinha romana de Milreu”  
Jorge de Sena, 1963.

## 1. Introdução

O Museu Nacional de Arqueologia (MNA) fundado, em dezembro de 1893, por proposta conceptual de José Leite de Vasconcelos e com o apoio político de Bernardino Machado afirmou-se, desde a sua criação, como uma instituição de referência da Arqueologia Portuguesa e Ibérica. Os seus cento e trinta anos de existência – celebrados precisamente este ano (2023) – conferem-lhe uma espessura temporal que atravessa múltiplas gerações, assim como formas de olhar, interpretar, construir e comunicar os discursos sobre o passado.

O Plano Europeu de Recuperação e Resiliência (PRR) de Portugal, que contempla um significativo investimento no Museu Nacional e Arqueologia, no âmbito do qual será realizada a remodelação integral do edificado e uma completa reprogramação expositiva, constitui uma oportunidade única para revisão e análise da biografia das coleções, processo que influenciará decisivamente as novas narrativas a apresentar. Uma instituição centenária como o Museu Nacional de Arqueologia encerra em si uma riqueza plural. Fruto da sua história, mas igualmente do quadro programático traçado pelo seu fundador assume-se como um Museu de fontes primárias. As suas coleções documentais, fotográficas e de desenho científico permitem assim fundamentar e reconstituir, de forma sólida, a biografia de muitos dos Bens Culturais do seu acervo e os contextos arqueológicos de onde são provenientes.

Entre as coleções de Arqueologia, preserva-se um vasto e heterogéneo acervo de bens culturais provenientes de Norte a Sul do território português, mas igualmente de outros países, fruto do quadro conceptual em que o Museu foi instituído, mas também das amplas trocas de conhecimento e objetos entre investigadores e instituições, designadamente museus.

A imperiosa necessidade de revisitação integral do *corpus* da maior coleção de escultura clássica conservada num museu português com

o objetivo de definir e estabilizar o conjunto expositivo, no âmbito da construção da narrativa e dos guiões da futura exposição permanente, permitiu responder positivamente, ao desafio lançado pelos organizadores do X Encontro de Escultura Romana da Hispânia que consistia em garantir, apesar da equipa estar absolutamente concentrada na execução do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), a presença do Museu Nacional de Arqueologia num congresso internacional sobre escultura realizado em Portugal.

## 2. Das Escavações ao Museu

O Museu Nacional de Arqueologia preserva no seu acervo a maior coleção de escultura romana do país: 507 bens culturais inventariados até ao presente. Distribuídas geograficamente no território continental desde o Minho ao Algarve, integravam programas escultóricos que pertenciam à *urbe* e ao *rure* romano. Em termos de matérias-primas, as esculturas dividem-se em 6 grandes categorias: pedra, metal, osso, marfim, cerâmica e argamassa/estruque.

O acervo do MNA resulta de múltiplas variáveis: escavações arqueológicas, prospeções, doações e aquisições criando uma teia de verdadeiras “redes de conhecimento” (Pereira, 2018). Todavia, na criação da coleção de escultura, destaca-se o trabalho de recolha ímpar de dois arqueólogos pioneiros da arqueologia nacional, Sebastião Estácio da Veiga com a sua “epopeia” que visa a realização da Carta Arqueológica do Algarve e José Leite de Vasconcelos com a sua quimera das escavações no Santuário de Endovélico, em São Miguel da Mota, Alandroal, que antecede a criação do próprio Museu. O primeiro, reúne as esculturas romanas encontradas na *villa* de Milreu (Faro), na cidade de *Balsa* (Torre de Ares, Tavira), e na Herdade do Álamo (Alcoutim), no Convento de São Francisco, em Lisboa, na exposição do seu “Museu Arqueológico do Algarve”, e que viriam a ser absorvidas em 1893, já após a sua morte ocorrida dois anos antes, pelo Museu Ethnográfico Português (Gonçalves, 2004, p. 163). As escavações de José Leite de Vasconcelos permitiram recuperar um vasto conjunto de escultura, associado a um ímpar registo epigráfico que permite documentar um dos mais importantes santuários romanos da

província da Lusitânia, onde se cultua uma divindade tópica, com origem paleo-hispânica: a mais importante do ocidente peninsular. Numa primeira fase expõe estas esculturas no seu panteão lusitano na Biblioteca Nacional de Lisboa, constituindo naturalmente a parte da colecção fundacional do Museu fundado em 1893 e essencial para a redacção do 2.º volume das *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, Vol.1-1897, Vol. 2-1905, Vol.3-1913).

Face à sua dimensão e complexidade o acervo de escultura do MNA está presente nas obras de referência para o estudo do tema na Lusitânia (Matos, 1966; Souza, 1990; Matos, 1995; Pinto, 2002; Gonçalves, 2007). O seu tratamento expositivo apresentou já diversos enquadramentos e abordagens desde o primeiro desenho do Museu, quer ainda na Academia das Ciências de 1893 a 1904, quer a partir de 1906 nos Jerónimos (Vasconcelos, 1915), durante a primeira metade do século XX e, em particular, após a expansão à totalidade dos antigos dormitórios hieronimitas (Machado, 1965). Com o encerramento do Museu ocorrido após a revolução de 25 de Abril de 1974 com a consequente desmontagem da exposição permanente e reavaliação conceptual do próprio Museu a escultura romana é alvo de uma Exposição monográfica de grande impacto logo em 1980 (Almeida, 1983). Mantendo-se ainda hoje como presença constante e marcante nas principais mostras nacionais e internacionais (Ribeiro, 2002; Álvarez Martínez, Carvalho e Fabião, 2015; Carvalho, Fabião e Álvarez Martínez, 2016).

Nesta fase, decisiva, que o Museu e suas equipas se encontram a atravessar, a revisão da colecção em geral, e a de escultura romana em particular, tem permitido uma visão mais precisa, individual, mas também uma análise holística, de como abordar o conjunto nos futuros guiões e narrativas. Não sendo o local, nem o momento para nos determos na sua apresentação detalhada, importa apenas, em traços gerais, deixar, uma primeira abordagem dessa perspetiva. Tratando-se de um Museu Nacional, mas que mantém uma perspetiva de grande museu de território e das comunidades, olhamos sempre para as suas colecções como representativas de sítios arqueológicos, com um tempo, um espaço e uma história que devem ser transmitidos ao visitante. Assim sendo, perspetivamos de momento, quatro grandes blocos para arrumar, desde já, a escultura e tratar os programas decorativos: O mundo urbano das *Civitas*, o mundo rural das *villae* que constroem “*Urbe et Rure*”, as paisagens sacralizadas e o mundo da morte “*Hic Situs Est*”.

### 3. Em torno da Biografia de alguns Bens Culturais *Corpus* histórico em construção

A necessidade de constante revisão dos Bens Culturais do acervo do Museu Nacional de Arqueologia é um desiderato assaz relevante, que deve ser constante no quotidiano da equipa do Museu, mas que adquire especial significado e valor em face da responsabilidade que nos foi atribuída no âmbito do PRR. Os casos que se apresentam de seguida ilustram bem a hercúlea e indispensável tarefa de revisão das coleções que assumimos no atual quadro do projeto de reprogramação expositiva do MNA em face do financiamento atribuído no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

#### 3.1. As duas estátuas de *Myrtilis* na Quinta da Amoreira da Torre (Montemor-o-Novo)

Duas das mais icónicas estátuas do Museu Nacional de Arqueologia que marcam desde cedo o seu acervo e assim pontuam a sua museografia são um par de monumentais esculturas públicas romanas que pertenciam certamente ao programa decorativo do fórum da cidade de *Myrtilis* (Mértola): uma estátua de homem togado (MNA N.º 994.9.4) e uma estátua feminina de orante (MNA N.º 994.9.5). As vicissitudes ocorridas até estas darem entrada no Museu apesar de conhecidas na sua generalidade, merecem ser sistematizadas e aqui apresentadas face às mais recentes descobertas na atual vila de Mértola de esculturas monumentais, certamente do programa decorativo dos antigos edifícios públicos romanos.

Gabriel Pereira publica em 1887 na *Revista Archeológica e Historica*, Volume 1, a primeira notícia da existência de duas estátuas romanas na Quinta da Amoreira da Torre, próximo de Montemor-o-Novo, num artigo sobre as antiguidades deste concelho alentejano (Pereira, 1887, p. 131), a que se segue no mesmo periódico um novo trabalho, desta vez mais específico, ilustrando-o através de dois desenhos (Pereira, 1890). Desde este primeiro trabalho, o autor identifica estas duas estátuas com um conjunto de esculturas descobertas na vila de Mértola no século XVI. De facto, segundo o Visconde da Amoreira da Torre foram transportadas de Mértola para a sua Quinta, onde já se encontravam há dois séculos (Vasconcelos, 1903, p. 100).

Estas duas esculturas fariam parte, muito provavelmente, do conjunto das oito ou dez estátuas a que se refere André de Resende em *Antiquitatum Lusitaniae et de Municipio Eborensi, De Myrtili* (Resende, 1600, p. 196) ou das cinco ou seis mencionadas por Amador Arrais nos “Diálogos” (Arrais, 1604, p. 113) que foram descobertas em Mértola, em vida daqueles dois escritores nos finais do século XVI.

Leite de Vasconcelos lendo o artigo de Gabriel Pereira desenvolve contactos com o Visconde da Amoreira da Torre, através do Conselheiro João Franco conducentes à doação destas peças para o Museu Ethnologico Português. No epistolário Leitiano preserva-se uma carta endereçada pelo Visconde da Amoreira da Torre, datada de 18 de Dezembro de 1901, que nos elucida acerca desses procedimentos (Coito, 1999, p. 21, N.º 114; Coito, 2003, p. 343).

18-12-901

*Illmo e Exmo Sñr*

*Não tendo o gosto de falar/ com V. Ex.<sup>a</sup> quando me procurou nos/ dias que aqui esteve venho pedir-lhe/ desculpas e dizer-lhe que tenho muito prazer em ser agradável ao nosso/ respeitável amigo Sñr Consellheiro/ João Franco porém pode V. Ex.<sup>a</sup> dis/por das estatuas que deseja pa/ra o Museu. Quando queira man/ dal-as buscar peço a V. Ex.<sup>a</sup> a fineza/ de me escrever uns dias antes pa/ra providenciar as cousas de maneira a auxiliálo no que eu ou os/ meus empregados possamos fazer.*

*Queira V. Ex.<sup>a</sup> desculpar-me/ o não tel-o recebido mas o meu es/tado era bastante doloroso porque/ de contrario eu teria muito prazer/ em falar com um cavalheiro tão/ destinto como V. Ex.<sup>a</sup>.*

*Sem mais queira V. Ex.<sup>a</sup> dispor del/ quem é com toda a consideração*

*De V. Ex.<sup>a</sup>*

*Mt.º att. EV... e ...*

*Visconde da Amoreira da Torre*

Cipriano Justino da Costa Palhinha é o primeiro Visconde da Amoreira da Torre por Decreto de D. Carlos I, de 9 de Junho de 1895 (Zúquede, 1989, p. 277). Em reconhecimento da doação da estatuária ao Museu Ethnologico Português é publicado no Diário de Governo, n.º 52, de 6 de Março de 1902 uma Portaria de Louvor assinada pelo Ministro das

Obras Públicas, Comércio e Indústria, Manuel Francisco de Vargas (Vasconcelos, 1903, p. 101).

Dispomos no arquivo fotográfico do Museu, entre o acervo de Leite de Vasconcelos, de uma preciosa imagem da estátua do togado ainda num nicho da Quinta da Amoreira da Torre (fig.4).

Os procedimentos conducentes ao transporte das peças para Lisboa ocorrem em Janeiro de 1901, sendo encarregue dessa complexa empreitada José Joaquim de Almeida Carvalhais “*Colector-Preparador do Museu*” “(...) desde Março de 1901 até Janeiro de 1912, em que, por causa dos seus negócios particulares, pediu a demissão” do Museu. (Vasconcelos, 1915, p. 319). Na abundante correspondência remetida por Almeida Carvalhais a Leite de Vasconcelos conservam-se duas cartas (Coito, 1999, p. 62, N.º 681) de que transcrevemos uma parte, que nos permitem elucidar sobre o desenrolar do planeamento dos trabalhos. A primeira N.º 4426, escrita em Montemor-o-Novo a 21 de Janeiro de 1901:

*“Na sexta feira a noite ao desembarcar/mos na estação, tive a lembrança del perguntar se o Visconde estava em Monte/mor. Soube que estava, mas que nessa/ noite comboio da madrugada se/guia para Lisboa. Resolvi pois ficar/mos na estação e aguardar o homem/ as 2 da madrugada, com efeito/ veio mas já a horas de não apa/nhar o comboio tendo de seguir/ para Lisboa no comboio de mercadoria (...)”*

*“apanhei/ um grande susto por que diversas pessoas/ com quem estive na missa então o/ Visconde deu as estatuas, por mall eu não as dava, em virtude disto/-cheguei a desconfiar que o homem/ se negava para fugir a entregalas/ felizmente não aconteceu assim (...)”*

Na Carta seguinte, N.º 4468, sem data:

*Ficarão hoje terça feira / as 6 da tarde as estatuas fora / dos seus nichos o que deu um / trabalho insano. Felizmente não / houve novidades não sei ainda / se amanhã ficarão encaixo/tadas a tempo de seguirem/ para a estação do caminho / de ferro para poderem nos seguir / na quinta feira no com/boio do mesmo dia.*

Ao darem entrada no Museu Etnológico Leite de Vasconcelos depara-se com uma situação peculiar. Por um lado, tem dois bustos de Mértola vindas da Coleção do Museu Arqueológico do Algarve reunidas

por Estácio da Veiga: a cabeça de Augusto (MNA 994.9.1) e um busto feminino de Cibele (MNA 994.9.3), por outro, surgem duas estátuas sem cabeça com a mesma proveniência. A opção escolhida é a de, como era norma à época e como o próprio Leite de Vasconcelos refere, que viu procedimento *idêntico no Museu do Louvre* (nota manuscrita por L.V. no verso da fotografia), combinar as estátuas. De facto, durante décadas até ao mandato de D. Fernando de Almeida como Diretor do Museu as peças encontravam-se associadas. José Luís de Matos ao estudar a escultura romana do Museu e estas duas peças em particular refere que a junção das duas estátuas às cabeças parece não ser correta (Matos, 1966, p. 115), sublinhando “Aliás o assunto está a ser estudado pelo Sr. Doutor Fernando de Almeida que, como é natural, dá a última palavra no assunto em questão” (Matos, 1966, p. 19).

### 3.2. “A perna de pedra”

#### **Fragmento de Escultura de Marialva (Guarda)**

Outro bom exemplo do exercício que importa desenvolver é o elemento de estátua, com o N.º de Inv. 994.32.1. e a sua leitura no acervo do Museu. Trata-se de um fragmento significativo de uma estátua monumental de cariz militar em mármore, possivelmente representando um Imperador. Dá entrada no Museu ainda no século XIX, e é arrumada tipologicamente pelo primeiro Director da instituição no percurso expositivo junto de elementos escultóricos de Milreu, em particular junto de outro fragmento de perna similar, ainda que de menor dimensão: a escultura N.º 994.6.5 (figura 10).

Na sua dissertação de Licenciatura, José Luís de Matos, *Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana* este elemento é, por lapso, identificado como proveniente da *villa* romana de Milreu, Faro (Matos, 1966, p. 127). Apesar desta proveniência errónea ter sido corrigida, pelo autor no *Inventário da Coleção de Escultura romana do Museu Nacional de Arqueologia* (Matos, 1995, p. 41, N.º 14) o equívoco manteve-se, em todos os autores que posteriormente se dedicaram ao tema. Assim, tanto no *corpus* de Vasco de Souza (Souza, 1990, p. 46, n.º 130), como na dissertação de doutoramento de Luís Jorge Rodrigues Gonçalves (Gonçalves, 2007, p.

153 e 154, n.º 43), a *villa* romana de Milreu, continua a ser dada como o local de origem desta estátua. Sublinhe-se que nesta última obra, tendo em conta a tipologia da estátua, o autor ressalva que esta parece não se integrar no programa decorativo do ambiente de uma *villa* (Gonçalves, 2007, p. 154), pese embora nesta *villa* tenha sido recolhido um número significativo de retratos imperais.

A similitude desta estátua com a escultura N.º 994.6.5, igualmente um fragmento de perna de estátua militar, proveniente da *villa* de Milreu (Faro) fez com que surgisse o equívoco. Apesar de, como referimos, este lapso, já se encontrar devidamente explicado, e corrigido (Matos, 1995, p. 41, N.º 14) ou no inventário do Museu que se pode consultar *on line*, a real relevância desta peça, sua interpretação, cronologia e enquadramento, teima em não ser tida em conta, pelo que acreditamos que o presente trabalho de revisão das coleções pode resolver de vez a questão da proveniência. Assim sendo, parece-nos pertinente clarificar definitivamente a sua entrada no acervo do Museu. No livro de entradas, do então Museu Ethnológico Português, este bem cultural é inventariado em 1915 com o N.º 6155, sendo referido que foi recolhida em Marialva, tendo “aparecida no campo”, e que resulta de uma doação do Dr. António Augusto Crispiniano da Fonseca (12 de Dezembro de 1850 e 8 de Fevereiro de 1903). Este bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra assume o cargo de Juiz em diversas Comarcas da Beira, nomeadamente na antiga Comarca de Meda (Guarda), nos anos em que ocorre esta descoberta. No epistolário Leitiano, verificamos que existe o registo de uma carta trocada entre o doador e Leite de Vasconcelos, indexada com o N.º 1301 (Coito, 1999, p. 107). A informação que contém é preciosa, pois confirma-nos mais uma vez o *ubi* da estátua, Marialva, e fornece uma data exata para a sua descoberta. A carta em questão é escrita em Bragança em 5 de Abril de 1898 e relata-nos a doação do bem cultural e o seu envio para Lisboa nesta data. Este fragmento de estátua de mármore de dimensões significativas apresenta-se num primeiro nível como algo esdrúxulo num local como Marialva, tal facto, levou a que esta proveniência fosse sempre encarada com cautelas. Porém sabe-se hoje, que Marialva, em época romana, seria a capital da *Civitas Aravorum* (Coixão, 2007, p. 214). Os recentes trabalhos aí desenvolvidos permitiram mesmo identificar um templo e propor

o desenvolvimento arquitetónico de um fórum (Coixão, 2007, p. 222). Em paralelo com esta descoberta e reinterpretação do lugar de Marialva na Lusitânia romana, foi há uma década apresentada uma importante inscrição, correspondendo a uma placa retangular de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa com uma homenagem ao Imperador Adriano pela *Civitas Aravarum* (Encarnação, 2014, p. 130). A tipologia do suporte epigráfico levou a que fosse proposto que este se destinasse a figurar num monumento honorífico do tipo pedestal, apontando-se o fórum como sua localização (Encarnação, 2014, p. 133). Curiosamente, não foi estabelecida qualquer relação com o fragmento de estátua em análise depositada desde o século XIX no acervo do MNA.

Temos assim uma conjugação de dados que nos permite reavaliar o elemento escultórico do acervo do Museu Nacional de Arqueologia. Corresponde a um fragmento significativo de “(...) *perna esquerda nua com atilhos. Trata-se de um fragmento do joelho ao artelho, com orifício quadrado para encaixe do pé. A nudez e os atilhos sugerem que esta peça corresponde a uma estátua colossada colossal.*” (Gonçalves, 2007, p. 153). Poderá este elemento de estátua colossal ser parte do monumento ao Imperador Adriano erguido pela cidade dos Áravos em 120 d.C. no fórum do seu núcleo urbano e referido na epígrafe que integra a colecção do Museu da Guarda?

### **3.3. A escultura de Milreu e a descoberta do Busto de Galieno do Museu de Lagos**

O terceiro caso que aqui apresentamos, não corresponde diretamente a uma escultura do acervo do Museu Nacional de Arqueologia. Esta nossa opção é deliberada pois permite atestar a riqueza do arquivo do Museu para a História da Arqueologia em Portugal. Ir-nos-emos deter no conjunto escultórico da *villa* de Milreu (Faro), em geral e em particular numa das suas esculturas mais icónicas e de maior qualidade artística, o busto do Imperador Galieno que atualmente se encontra no Museu Municipal Dr. José Formosinho, em Lagos com o N.º de Inv. MMJF 3171 (Gonçalves, 2007, N.º 16, p. 103).

Desde a sua génese que o MNA tem entre as suas coleções um significativo conjunto de esculturas romanas proveniente das escavações de

Estácio da Veiga em Milreu (Faro). Como se disse acima, estes materiais transitaram do Museu Arqueológico do Algarve, sendo um dos núcleos fundadores do então *Museu Ethografico Português*, pelo que é significativo que o primeiro ofício do Museu recém-fundado, seja precisamente: “*para as despesas com a ida ao Algarve e condução dos objectos, que são muito numerosos, segundo me consta*”.

Entre a coleção inicial da escultura de Milreu contavam-se alguns fragmentos de grande qualidade e bustos, infelizmente mutilados, destacando-se a cabeça feminina (MNA N.º Inv. 994.6.3), dada a conhecer pela primeira vez por Brito Rebello nas páginas da Revista *Occidente*, afirmando que a mesma foi recolhida nas “*thermas e junto à entrada lateral do norte*” (Rebello, 1881, p. 190). Entre o arquivo fotográfico de Leite de Vasconcelos preserva-se uma fotografia (fig. 14) onde observamos algumas destas esculturas ainda com as respectivas legendas. Este aspeto é interessante e permite algumas precisões em relação à coleção. Por exemplo, o fragmento de busto que tem sido dado nos diversos inventários de escultura como de proveniência desconhecida MNA N.º Inv. 994.4.3 (Matos, 1995, n.º 5, p. 31); assim como, o fragmento MNA N.º Inv. 994.56.1 atribuído como de proveniência desconhecida (provavelmente Milreu) (Matos, 1995, n.º 11, p. 36) podem agora ser reavaliados e integrados com certeza como provenientes da *villa* de Milreu.

Após as escavações de Estácio da Veiga nos terrenos da Quinta do Milreu, propriedade do Sr. Manuel José de Sarria Tavares Garfias Torres, os achados continuaram a ocorrer “*(...) essa exploração devia ou o governo, ou a respectiva junta geral e camara municipal mandal-a concluir, antes que a gente rude devaste o que ainda há a aproveitar*.” (Rebello, 1881, p. 190).

Uma das peças de escultura mais impactantes aí descobertas surge publicada pela primeira vez, por Joaquim Maria Pereira Boto, fundador e primeiro organizador do Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique nas páginas do primeiro volume do *Archeólogo Português* (Boto, 1895). Nesse trabalho não dá conta quando terá sido descoberto, referindo apenas que a peça se encontrava à guarda do Dr. Brack-Lamy, de Lagos (Boto, 1895, p. 136). Trata-se da primeira, de uma sequência de pelo menos três estátuas de figuras de Imperadores ou de membros da família Imperial que ornamentariam o peristilo da *villa* e que hoje se encontram classificadas como conjunto de interesse nacional (CIN) pelo

Decreto-lei N.º 135, de 14 de Julho de 2021. Recorde-se, porém, que há data, no final do século XIX, os bustos de Agripina Menor (Gonçalves, 2007, n.º 9, p.88) e de Adriano (Gonçalves, 2007, n.º 15, p. 100) ainda se encontravam no subsolo, por descobrir. É assim o busto do Imperador Galieno o primeiro a ser revelado, permanecendo em mãos privadas até ser doado em 1935 ao Museu Municipal Dr. José Formosinho (Matos 1966, p. 19).

Consciente da relevância da Quinta do Milreu e da sua riqueza patrimonial e arqueológica, Leite de Vasconcelos mantém sempre a sua atenção desperta em relação a achados aí ocorridos. Um exemplo dessa atenção ocorre em 1906, quando Bernardo de Sá foi encarregue pelo “*Director do Museu Ethnologico de adquirir diversas antiguidades de valor archeologico*” (Sá, 1906, p.197). Entre elas destaca-se a “*collecção archeologica que pertenceu ao Sr. António Joaquim Judice*”, entretanto falecido e onde constavam precisamente diversos elementos escultóricos em mármore de Milreu (Sá, 1906, p. 198). Tendo tido conhecimento precoce da descoberta desta cabeça de estátua, tenta, consequentemente adquirir a peça para o Museu Ethnologico. Ainda que não tenha tido sucesso na sua intenta, deixou-nos alguns apontamentos e preciosos registos fotográficos que permitem reconstituir o devir deste Bem Cultural. De facto, existe um conjunto de duas fotografias agrupadas que se reportam a este busto associados a apontamentos de Leite de Vasconcelos (figuras 16 e 17).

A primeira fotografia tem o seguinte texto no reverso:

*Cabeça de busto, ou de estatua, de rosto/ varonil, barbado e com dimensões naturais, mui bem cinzelada em mármore/ granular branco./ Foi achada em 1889 nas ruínas de/ Ossonoba, dentro da quinta do Milreu e/ é possuída em Portimão pelo sr. Manuel José de Sarrea Tavares Garfias e Torres, / proprietário da dita quinta./ Ha outra estampa fotografica/ tirada a quasi ¾ (fig.17).*

Da leitura deste apontamento parece-nos, que Leite de Vasconcelos toma conhecimento do busto, numa data anterior ao artigo do Cónego Joaquim Maria Pereira Boto, pois ainda refere que a peça estava com o proprietário da Quinta do Milreu.

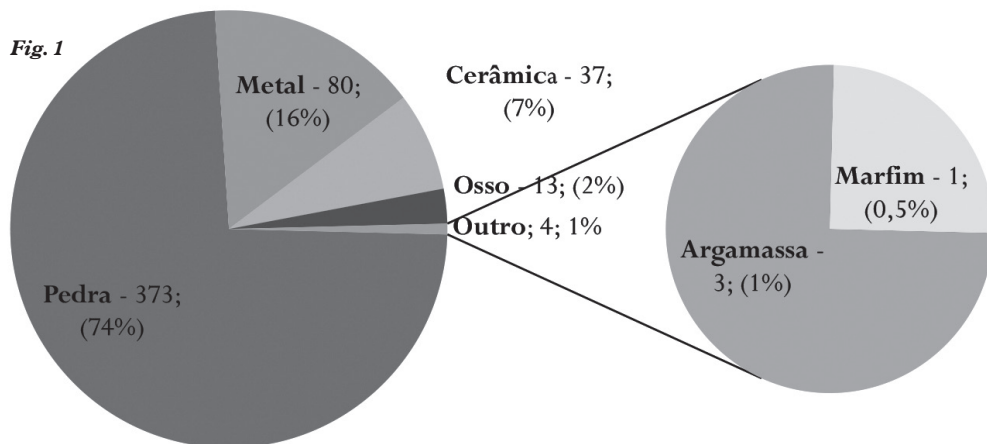
## Considerações Finais

Não sendo este o espaço para apresentar uma resenha do que se encontra a ser realizado no âmbito do processo de remodelação integral do Museu Nacional de Arqueologia, não podemos deixar, de aqui afirmar que este congresso permitiu pela primeira vez apontar publicamente o caminho a seguir em relação à documentação possível da coleção de escultura romana, cruzando fontes.

O Plano Europeu de Recuperação e Resiliência (PRR) de Portugal ao contemplar um significativo investimento no Museu Nacional e Arqueologia estabelece uma oportunidade irrepetível. Conscientes desta responsabilidade a equipa tem reflectido sobre a importância crescente do contexto das suas coleções: Quando? Como? De que forma? Em que moldes concretos foram incorporadas? Que documentação existe associada?

Apenas a partir de uma base sólida, tão consistente como possível, se pode erguer um novo corpo teórico, interpretativo que sustente novas leituras históricas e museográficas partindo de coleções muitas vezes seculares.

A apresentação destes três exemplos da coleção de Escultura Romana portuguesa permite apontar os caminhos a seguir, mas também vislumbrar as leituras possíveis e propor soluções Museológicas. Ainda que muitos dos caminhos trilhados, apenas tenham permitido consolidar conhecimentos adquiridos, algumas das biografias dos objectos são inusitadas. São histórias que importa valorizar e contar, permitindo erguer novas propostas de leitura e interpretação que certamente poderão ter cabimento nas narrativas museográficas a apresentar nas futuras exposições de longa duração do Museu Nacional de Arqueologia.



**Fig. 2**



Fig. 3

639

Visconde da Amoreira da Torre

Montemór-o-Novo

18-12-901

Lezade 1891

Não tenho o gosto de fallar  
 com V. Ex. quando me procurou um  
 dia que aqui estive vindo pedir-lhe  
 desculpa, a dizer-lhe que tenho muito  
 do prazer em ver agrada-se os nomes  
 respeitavel amigo seu conhecido  
 João Francisco porim por V. Ex. dia  
 por das estatua que desejo fa-  
 re a Homen. Quando quise man-  
 dar-lhe buscar peça a V. Ex. e fize  
 de me escrever uns dias antes pe-  
 se providenciar a compra de ma-

**Fig. 4**



*Invenita a Moisès La Torre (Montesol)*

**Fig. 5**

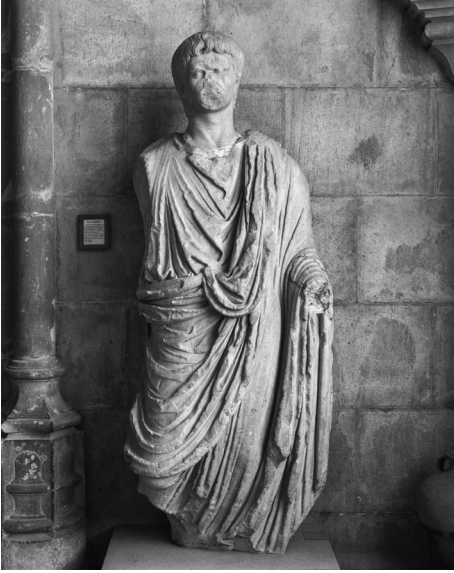




*Fig. 6*

*Fig. 7*





*Fig. 8*



*Fig. 9*



Fig. 10

6155 ✓ *Berna humana, de marmore, vestida de  
 meias, apertada e na liza (fascia) artistica: de u-  
 ma estatua. Aparecida no campo, em Marialva.  
 Obtida pelo Director, oferecida por ----- } D.<sup>o</sup> Ant. Aqst. Crispiniano da Ten.  
 → Cfr. Rich, s.v. "fascia"] { seca*

Fig. 11

8444

*de perna  
de perna*

11. 2. 38

*11*

*LABOR*

Não tenha dúvida de que  
 vier a forma da estatueta  
 encontrada em <sup>Marialva</sup> Marialva  
va - antiga cidade de Bor-  
 bor, (segundo o curso) pa-  
 ra o Museu de que V. Ex.  
 e o muito digno director.  
 Foi-me em ordem ao  
 que creio para a en-  
 tregar.

D. N. S. V. S. V. S.

e. of.

Antonio de Aguiar *Caripian da*  
*Tramim*

Bragança 5-4-38.

Fig. 12

B. cto. L.º 13 (1051)  
10-1-94

M. e L. F.:

MUSEU ETHNOGRAPHI-  
CO  
PORTUGUÊS  
=  
N.º 1.

Auctorizado.  
P. 10 Jan.º 94  
L. d'Aliz

10-1-94  
10-1-94

Having been authorized by dispatch of P. Ho.º e  
L. Ministro das Obras Publicas a compra da collecção ar-  
cheologica que pertencem ao falleido Estacio da Veiga,  
e sendo urgente e necessario fazê-la vir do Algarve pa-  
ra o Museu Ethnographico, tomo a liberdade de sollicitar  
de V. Ex.ª que me seja concedida a quantia de 70.000  
reis para as despesas com a ida ao Algarve e conducção dos  
objectos, que são muito numerosos, segundo me consta.

Depois darei a V. Ex. conta exacta do gasto feito.

Os. G.º a V. N.º Lisboa 10 de Janeiro de 1894.

M. e L. F. Gerónimo Augusto da Fonseca Monteiro,  
Chefe da Repartição de Leisões technicas de Minas e de Indústrias.

Director do Museu Ethnogr.,  
João Leite de Vasconcellos.

Fig. 13

*Fig. 14*



*Fig. 15*





*Fig. 16*

*Fig. 17*



## Figuras

**Figura 1** – Gráfico da escultura romana do MNA por matérias-primas. Dados da Base de dados Matriz: atualizados em setembro de 2023.

**Figura 2** – Reprodução do desenho das duas estátuas da Quinta da Amoreira da Torre, Montemor-o-Novo, segundo Pereira, 1890, Est. VII e VIII.

**Figura 3** – Reprodução da Carta do Visconde da Torre a Leite de Vasconcelos. Epistolário Leitiano N.º 639.

**Figura 4** – Fotografia do arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Legado Leite de Vasconcelos, com a legenda “Que esta na Moreira da Torre (Montemor)”. PT/MNA/APJLV/AF/ARM.03/CX.1 [Fotografias Arqueologia] / ENV.1 © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. MNA

**Figura 5** – Fotografia do arquivo do Museu Nacional de Arqueologia da primeira década do século XX. José Joaquim de Almeida Carvalhais surge ao lado da estátua romana que recolheu em Montemor-o-Novo. Na imagem o togado já surge associada à cabeça de Augusto. PT/MNA/APJLV/AF/ARM.02/CX.1 [Diretores & Funcionários] / ENV.1 © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. MNA

**Figura 6** – Fotografia do arquivo do Museu Nacional de Arqueologia. Um jovem surge ao lado da estátua feminina já associada ao busto de Cibele. Curiosamente o busto encontra-se rasurado a lápis azul.

PT/MNA/APJLV/AF/ARM.02/CX.1 [Diretores & Funcionários] / ENV.1 © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. MNA

**Figura 7** – Fotografia da estátua feminina de orante associada ao busto de Cibele. © Arquivo del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid, D-DAI-MAD-FR-R-188-68-04. Reinhard Friedrich, 1968.

**Figura 8** – Fotografia do togado associado ao busto de Augusto. © Arquivo del Instituto Arqueológico Alemán de Madrid, D-DAI-MAD-FR-R-188-68-03. Reinhard Friedrich, 1968.

**Figura 9** – Fragmento de perna em mármore branco proveniente de Marialva, Guarda. Alt. 99,2cm; Larg. Máx.22,-6cm. MNA N.º 994.32.1. © MNA Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. ADF. José Pessoa, 2010.

**Figura 10** – Fragmento de perna em mármore branco proveniente de Milreu, Faro. Alt. 20,7cm; Larg. Máx.19cm. MNA N.º 994.6.5. © MNA/ADF. José Pessoa, 2010.

**Figura 11** – Excerto do Livro de entradas do Museu Ethnológico Português com o primeiro inventário da peça de escultura MNA N.º 994.32.1.

**Figura 12** – Carta N.º 8444 do Epistolário Leitiano. Correspondendo à doação do membro inferior direito de estátua em mármore (MNA N.º 994.32.1). A vermelho, Leite de Vasconcelos anota “a perna de pedra”.

**Figura 13** – Ofício N.º 1 do Museu Ethnográfico Português, escrito e assinado por

Leite de Vasconcelos e dirigido a Severiano Augusto da Fonseca Monteiro, Chefe da Repartição dos Serviços de Técnicas de Minas e Indústrias, datado de 10 de Janeiro de 1894. © Arquivo LNEG.

**Figura 14** – Fotografia do Legado de Leite de Vasconcelos. Da direita para a esquerda: MNA N.º Inv. 994.4.3; N.º Inv. 994.4.3 e N.º Inv. 994.6.2. PT/MNA/APJLV/AF/ARM.03/CX.3 [Peças]/ENV.2 © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. MNA

**Figura 15** – Busto de Galieno hoje pertencendo ao Museu D. Museu Municipal Dr. José Formosinho, em Lagos (Boto, 1895, p. 137).

**Figura 16** – Fotografia do Legado de Leite de Vasconcelos. PT/MNA/APJLV AF/ARM.03/CX.3 [Peças]/ENV.1 © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. MNA

**Figura 17** – Fotografia do Legado de Leite de Vasconcelos. PT/MNA/APJLV/AF/ARM.03/CX.3 [Peças]/ENV.1 © Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E. MNA

## Bibliografia

ALMEIDA, J. M. de (1983) – A Epigrafia na Exposição de Escultura Romana do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Série IV. N.º 1, p. 337-346.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M.; CARVALHO, A.; FABIÃO, C. (Eds.) (2015) – *Lusitania Romana. Origen de dos pueblos / Lusitânia Romana. Origen de dois povos*. Col. “Studia Lusitana”. N.º 9. Mérida: Museu Nacional de Arte Romano.

ARRAIZ, D. F. A. (1604) – *Dialogos*. Coimbra. (Biblioteca MNA - JLV/LA 25 E).

BOTO, M. C. P. (1895) – Archeologia algarvia. Cabeça de uma estátua luso-romana de Milrei (Estoi). O Museu do «Infante D. Henrique» de Faro. *O Archeologo Português*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1ª série, Vol. I, p. 136-138.

CARVALHO, A.; FABIÃO, C.; ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J. M. (2016) (Coord.) – *Lusitânia Romana. Origen de Dois Povos*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional Casa da Moeda.

COITO, L. C. (1999) – Epistolário de José leite de Vasconcelos. Suplemento *O Arqueólogo Português*, 1, Lisboa: Imprensa Nacional/Museu Nacional de Arqueologia.

COITO, L. C. (2003) – Documentos para a história do MNA. Peças da Colecção de escultura do MNA. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, Série IV. N.º 21, p. 339-346.

COITO, L. C.; CARDOSO, J. L. & MARTINS, A. C. (2008) – *José Leite de Vasconcelos. Fotobiografia*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Editorial Verbo, p. 143.

COIXÃO, A. do N. S. (2007) – Estudo da presença romana nas áreas das freguesias de Marialva e Coriscada. *Cultura e Ciência*. N.º 9. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal de Foz Côa, p. 211-235.

ENCARNAÇÃO, J. d' (2014) – Homenagem da *Civitas Aravorum* ao Imperador Adriano. *Praça Velha – Revista Cultural da Cidade da Guarda*. Ano VI. N.º 34: Guarda: Câmara Municipal da Guarda, p. 128-151.

GONÇALVES, L. J. R. (2004) – O Estudo da Escultura Romana em Portugal. In NOGALES BASARRATE, T.; GONÇALVES, J. L. (Coord.) - *Actas de la IV Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*. Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Universidade de Lisboa 1, 8 e 9 de Fevereiro de 2003. Madrid: Ministerio de Cultura: Espanha, p.157-173.

GONÇALVES, L. J. R. (2007) – *Escultura Romana em Portugal: uma arte do quotidiano*. Col. “Studia Lusitana 2”. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

MACHADO, J. L. S. (1965) – *Subsídios para a História do Museu Etnológico do D. Leite de Vasconcelos*. Lisboa: Ministério da Educação Nacional.

MATOS, J. L. de (1966) – *Subsídios para um Catálogo da Escultura Luso-Romana*. Dissertação de Licenciatura em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MATOS, J. L. de (1995) – *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura/Instituto Português de Museu/ Museu Nacional de Arqueologia: Inventário do Património Cultural Móvel.

PEREIRA, E. J. S. (2018) – *Colecionismo Arqueológico e Redes de Conhecimento, Atores, Coleções e Objetos – Portugal (1850-1930)*. Lisboa: Caleidoscópio/ Direção –Geral do Património Cultural.

PEREIRA, G. (1887) – Antiquidades de Montemor-o-Novo. *Revista Archeológica e Historica*, Volume 1, p. 129-133.

PEREIRA, G. (1890) – As estátuas romanas da Quinta da Amoreira da Torre, próximo de Montemor-o-Novo. *Revista Archeológica*, n.º 4, Lisboa, p. 169-171.

PINTO, A. J. N. (2002) – *Bronzes figurativos romanos de Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RESENDE, A. E. (1600) - *Antiquitatum Lusitaniae, et de municipio Eborensi*. Lib. V. Publicação: Coloniae Agrippinae: in officina Birckmannica sumptibus Arnoldi Mylij. (Biblioteca MNA - LA /123 p)

REBELLO, B. (1881) – Antiquidades do Algarve. Monumento de Milreu. *O Occidente. Revista Illustrada de Portugal e do Estrangeiro*. Lisboa. 4.º Ano. Volume IV. N.º 96, p. 189-190.

RIBEIRO, J. C. (2002) (Ed.) – *Religiões da Lusitânia. Loquuntur Saxa*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

- SÁ, B. (1906) – Relatório de uma excursão archeologica ao Alentejo e Algarve. *O Archeologo Português*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1ª Série, Vol. XI, p. 197-201.
- SOUZA, V. de (1990) – *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*. Coimbra: Instituto Português de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.
- VASCONCELLOS, J. L. (1903) – Duas estátuas romanas (Dadiva ao Museu Ethnologico Português). *O Archeologo Português*. Lisboa. Imprensa Nacional. 1ª série, Vol. VII, p. 100-101.
- VASCONCELLOS, J. L. (1897) – *Religiões da Lusitânia na parte que principalmente se refere a Portugal*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa. Tomo I.
- VASCONCELLOS, J. L. (1905) – *Religiões da Lusitânia*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa. Tomo II.
- VASCONCELLOS, J. L. (1913) – *Religiões da Lusitânia*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Tomo III.
- VASCONCELLOS, J. L. (1915) – *História do Museu Etnológico Português (1893-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- ZÚQUEDE, A. E. M. (1989) (Dir.) – *Nobreza de Portugal e do Brasil*, Vol. 2 (2.ª Edição). Lisboa: Editorial Enciclopédia.

